

MARINA AUREA DA SILVA

O uso de orações passivas sintéticas na escrita acadêmica: uma análise de artigos de conclusão de curso

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora profª Drª Aline Peixoto Gravina

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 28/11/2024

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Ani Carla Marchesan (UFFS)



Profª Drª Morgana Fabiola Cambrussi (UFFS)



Profª Me. Bruna Marzullo Fonseca (PPGEL-UFFS)

O uso de orações passivas sintéticas na escrita acadêmica: uma análise de artigos de conclusão de curso¹

Marina Aurea da Silva²

marina.silva2504@hotmail.com

RESUMO: Este artigo teve como objetivo a análise documental de artigos científicos para a verificação da questão de concordância verbo-sujeito em orações passivas sintéticas do português brasileiro. A partir das exigências de ensino sobre as construções de voz passiva para a educação básica, apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a relação de uso entre a voz ativa e passiva apresentada por Furtado da Cunha (2000), pretendeu-se discutir, tendo como base estudos prévios de Duarte (2009), Santos Silva (2021), Nascimento e Xavier (2021) e Sedrins (2021), a tendência de o "se" perder a função de pronome apassivador, sendo utilizado predominantemente como indeterminador do sujeito, mesmo em contextos formais. Portanto, este estudo investigou a hipótese de que o uso da passiva sintética é predominantemente uma construção aprendida na escrita formal, não sendo natural na língua falada. Para explorar essa questão, a metodologia deste estudo incluiu a classificação e contextualização das ocorrências de "se" como partícula apassivadora e como índice de indeterminação do sujeito em 20 textos acadêmicos de informantes escolarizados. Os resultados obtidos a partir dessa metodologia contabilizaram 24 ocorrências da passiva sintética com exigência de concordância no plural, dentre elas, 10 não respeitavam essa normativa gramatical. Os exemplos de inadequação na concordância verbo-sujeito sugerem evidências do apagamento da função apassivadora do "se", favorecendo sua classificação como pronome indeterminador do sujeito, tanto com verbos intransitivos e transitivos indiretos quanto com transitivos diretos, dessa maneira corroborando com nossa hipótese inicial.

PALAVRAS-CHAVE: Passivas sintáticas; concordância verbal; pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; escrita acadêmica.

Introdução

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que o estudo das orações passivas deve ser realizado no ensino fundamental e médio. A indicação desse conteúdo aparece em pelo menos três habilidades descritas no documento e visam, ao fim da educação básica, que o aluno passe a ter consciência dos efeitos gerados nos textos a partir do uso da voz passiva, passando por um processo de mera identificação até o uso de estratégias de impessoalização com o emprego dessa estrutura. São essas habilidades a (EF08LP08): "Identificar, em textos lidos ou de produção própria, verbos na voz ativa e na voz passiva, interpretando os efeitos de sentido de sujeito ativo e passivo (agente da passiva)" (Brasil, 2018, p. 189), (EF08LP14): "Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão sequencial (articuladores) e referencial (léxica e pronominal), construções passivas e impessoais,

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora Profa. Dra. Aline Peixoto Gravina.

² Acadêmica da 10ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

discurso direto e indireto e outros recursos expressivos adequados ao gênero textual” (Brasil, 2018, p. 191) e (EM13LP07): “[...] uso de estratégias de impessoalização (uso de terceira pessoa e de voz passiva etc.), com vistas ao incremento da compreensão e da criticidade e ao manejo adequado desses elementos nos textos produzidos, considerando os contextos de produção” (Brasil, 2018, p. 507).

É importante ressaltar que, quando se trata das passivas sintéticas, esse processo de impessoalização não significa a retirada do sintagma nominal com papel gramatical de sujeito da oração, mas sim a absorção do papel temático externo pela partícula “se”. Teorizaram-se, portanto, alguns problemas que podem surgir na tentativa de construir essas orações, principalmente no que tange à concordância verbo-sujeito, uma vez que o critério semântico sobrepõe-se na interpretação, levando os falantes da língua a atribuir o “se” apassivador a um agente humano (sujeito) e consequentemente falhando no momento de concordar o verbo da oração (Bagno, 2007).

Em função da ocorrência dessas construções gramaticalmente equivocadas que, conforme gramáticos como Bechara (2006), a classificação do pronome “se” como indeterminador do sujeito deve ser também atribuída a orações com verbos que exigem complemento direto, ou seja, em orações como “Vende-se casas” e “Precisa-se de empregados” a classificação de “se” seria a mesma (indeterminador do sujeito). Nesse sentido, analisou-se o uso das orações passivas sintéticas em artigos acadêmicos, para averiguar se houve o uso adequado dessa construção de acordo com as normas gramaticais ou se os informantes priorizaram o uso do “se” indeterminador de sujeito.

A escolha do corpus, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) produzidos por alunos do Curso de Letras, se justifica, ao levar em consideração o que diz Furtado da Cunha (2000) sobre a incidência dessas estruturas na língua portuguesa. A autora afirma que os textos na modalidade escrita produzidos dentro da esfera universitária são os mais propensos ao uso de estruturas complexas, tais como as passivas, uma vez que sofrem influência do padrão da escrita comum aos falantes com alto grau de escolarização (Furtado da Cunha, 2000). Dessa forma, teve-se a intenção de analisar e verificar como o uso das passivas sintéticas dentro de um gênero formal é produzido.

A principal questão que envolveu esta pesquisa é a passagem da função do clítico “se” de apassivador para indeterminador em construções da voz passiva sintética. Apesar de ainda não ser reconhecido pela gramática normativa, esse fenômeno é amplamente observado nos diversos contextos da língua, assim como afirma Barreto (2014), em sua investigação sobre essa variação sintática, que demonstra “[...] a posição pós-verbal como desfavorecedora da

marcação de plural no verbo” (2014, p. 36). Neste trabalho, o enfoque foi em textos escritos formais, produzidos em contexto de escrita acadêmica, nos quais ainda espera-se encontrar o uso das passivas sintéticas. Dessa maneira, há a intenção de investigar como se dá a ocorrência das passivas sintéticas por informantes escolarizados.

A hipótese principal desse estudo está no fato de que o uso da passiva sintética é um fenômeno exclusivo da modalidade escrita, logo, uma construção aprendida com a escolarização para a escrita. Portanto, por não ser algo natural da língua, essa construção pode apresentar equívocos de uso, especialmente, devido à estreita relação que a passiva sintética possui com o uso do pronome “se” indeterminador do sujeito.

Pesquisas como de Nascimento e Xavier (2021) em “As funções do pronome “se”: entre Othoniel Motta e Said Ali” apresentam essa discussão. As oito réplicas de Motta a Said Ali sobre a teoria do pronome “se” respaldam a hipótese desse trabalho que se pauta no desvio da norma padrão na produção de orações da voz passiva sintética quando há pluralidade no sujeito. Outros autores, Santos Silva (2021), corroboram para a teoria do indeterminador quando afirma, com base em suas pesquisas, que os falantes atribuem um “alguém” às orações passivas sintéticas, desse modo, o “se” estaria mais fortemente indeterminando um sujeito não citado do que apassivando o termo tido como sujeito.

Para compor as próximas seções deste estudo, levou-se em consideração um referencial teórico com estudos pertinentes para a interpretação dos achados, os quais foram obtidos a partir da metodologia posteriormente descrita neste trabalho. Seguidamente, também foram contempladas seções para a apresentação e discussão dos resultados coletados.

1 Referencial teórico

O referencial teórico deste trabalho pretende estabelecer alguns conceitos relevantes para a reflexão do estudo. Entre eles, as classificações básicas das orações passivas, assim como as do pronome “se”, ademais, são trazidas discussões concernentes a esta pesquisa no que tange aos critérios de classificação dessa partícula em orações passivas sintéticas.

1.1 Orações Ativas x Orações Passivas

Primeiramente, algumas considerações sobre o uso da estrutura da voz ativa *versus* a voz passiva na língua portuguesa. Conforme Furtado da Cunha (2000), a estrutura ativa é considerada o padrão neutro da língua e a passiva o padrão marcado, o que decorre das

propriedades formais de cada estrutura, assim como sua frequência de uso na língua. As passivas são consideradas complexas, uma vez que fogem do padrão de ordem dos elementos da oração, sujeito, verbo e objeto (SVO). Na língua portuguesa, é mais frequente o uso do termo com papel agente na posição inicial da oração, enquanto o paciente fica na posição pós-verbal, consequentemente sendo identificados como sujeito e objeto respectivamente.

Exemplo de oração na voz ativa:

(1)

José/ vende/ terrenos.
Suj/ Verbo/ Objeto

No tocante às estruturas passivas, há, na língua portuguesa, duas possibilidades: a oração passiva analítica e a oração passiva sintética. Vejamos a seguir alguns exemplos.

Exemplo de oração na voz passiva analítica:

(2)

Terrenos/ são vendidos/ (por José)
Suj/ V. auxiliar + V. principal/ agente da passiva

Observa-se que na construção de passivas analíticas, em comparação com a estrutura da voz ativa, possui uma inversão de papéis. O sujeito, ainda em posição pré verbal, não coincide mais com o termo que responderia a pergunta “Quem vende terrenos?”, mas sim “O que é vendido?”, fugindo da convenção de classificação mais frequente, em que o sujeito é quem realiza a ação e o objeto, o que sofre a ação do verbo. A forma nominal do verbo estará sempre no particípio, acompanhado de um verbo auxiliar, e a explicitação do agente, porém não mais sujeito, dessa oração, “por José”, é opcional.

Partindo para a análise das orações na voz passiva sintética, observa-se o próximo exemplo.

Exemplo de oração na voz passiva sintética:

(3)

Vende-se/ este terreno.
Verbo / Suj.

A primeira diferença a ser analisada é a ordem dos termos, nesse caso a tradicional SVO é substituída pela VS. O fator de maior interesse aqui é, entretanto, como a partícula “se” gera um processo de impessoalização, mesmo com um sujeito explícito na oração. O que demonstra mais uma vez a problemática dos critérios de classificação do sujeito que será tratada mais adiante neste trabalho. Sendo assim, o sujeito dessa oração, “este terreno”, não simboliza quem realiza a ação verbal, fator que ainda deixa na cabeça do falante a pergunta “quem?”, razão que resulta na dificuldade de entendimento que há um sujeito passivo na oração.

Ademais, conforme Furtado da Cunha (2000), destaca-se como a complexidade das passivas também se encontra em seu uso na comunicação, a oração ativa é comumente usada para introduzir informações novas no discurso, enquanto a passiva tende a pressupor a existência de um agente conhecido. Isso sugere que a escolha entre a estrutura ativa e passiva pode ser influenciada pela necessidade de introduzir ou destacar informações específicas em um texto ou conversa. Levando isso em consideração, Furtado da Cunha (2000) conclui que, como a base do discurso humano se dá por informações novas, é compreensível a preferência por orações ativas em detrimento a orações passivas. Além disso, outro critério para essa preferência seria o grau de escolarização de quem produz essas estruturas, sendo mais comuns, portanto, em falantes universitários, os quais sofrem mais influência do padrão da escrita na qual geralmente se encontram registros mais formais da língua.

Sobre a interpretação das passivas na ordem verbo-sujeito, a autora afirma que essa ocorrência tem por objetivo tirar o sujeito, agente ou paciente, de evidência. Furtado da Cunha, então, sugere que, em contextos reais da língua portuguesa, a escolha pela voz passiva frequentemente ocorre quando o argumento paciente é o mesmo ou está relacionado a um já mencionado anteriormente no texto. Isso significa que a passiva é selecionada quando o elemento principal da ação se torna o foco da discussão ou está em destaque no discurso. Apesar de a passiva desviar-se da estrutura gramatical mais comum e apresentar algumas complexidades sintáticas, sua motivação discursiva baseia-se no caráter tópico do argumento paciente, o que ajuda a garantir sua correta interpretação pelo ouvinte ou leitor. Ou seja, a passiva é usada para destacar o elemento principal da ação e garantir que ele receba mais atenção, mesmo que isso signifique desviar-se da ordem gramatical mais frequente.

Em suma, pode-se apontar que fatores como a complexidade, motivação e implicações comunicativas do uso da voz passiva devem ser considerados a fim de se realizar uma reflexão mais aprofundada sobre o assunto e embasar uma análise descritiva.

1.2 Termos da oração

Inicialmente convém para a discussão problematizar alguns conceitos tradicionais, nesse ponto, Duarte (2009) pontua como a forma de classificação dos termos da oração na língua portuguesa dificulta o entendimento de estruturas oracionais na gramática tradicional, conforme a autora, classificar os termos da oração como “essenciais”, “integrantes” e “acessórios” não reflete a real relação que se estabelece entre esses termos. Além disso, ainda critica os critérios utilizados para a classificação dos termos essenciais da oração, os quais misturam parâmetros semânticos e sintáticos, afirmando que o que gramática tradicional chama de “sujeito” e “predicado” pode ser entendido como “tópico” e “comentário”, e não necessariamente correspondendo um ao outro.

A fim de permitir uma compreensão mais assertiva sobre as classificações e relação dos elementos da oração, sugere-se uma análise a partir de um “predicador”. Dessa forma, Duarte dá partida em sua reflexão sobre os termos da oração confrontando diferentes perspectivas sobre o assunto. Nesse confronto, propõe-se uma inversão ao realizar análises sintáticas, iniciando-se pelo predicado, uma vez ele sendo o responsável pela projeção dos elementos essenciais, como o “sujeito”, por meio de seus “predicadores” (verbais e/ou nominais). Nesse sentido, ao identificar os termos de uma oração, está se investigando a seleção semântica projetada pelo predicador.

Chegando a uma reflexão acerca do pronome “se” como partícula apassivadora em orações passivas sintéticas, a qual coloca o argumento interno projetado pelo predicador verbal como sujeito gramatical da oração, Duarte (2009) conclui que o “se” terá sempre a função de indeterminar o argumento externo, a diferença fica no papel que esse argumento externo possui.

Ex. (4)

a) José vende móveis.

Sujeito=argumento externo=José

Objeto=argumento interno=móveis

b) Móveis são vendidos (por José).

Sujeito=argumento interno=móveis

Objeto=Argumento externo=não realizado

c) Vendem-se móveis.

Sujeito=argumento interno=**móveis**

Objeto=Argumento externo=não realizado

A reflexão proposta por Duarte, auxilia no entendimento no que diz respeito à identificação e classificação dos termos da oração, o que dá uma luz para a compreensão de estruturas mais complexas como as passivas sintéticas. Ao condenar o uso de definições como “o ser sobre o qual se faz uma declaração” e “tudo aquilo que se diz do sujeito” para definir respectivamente o sujeito e o predicado, Duarte (2009) demonstra uma inadequação dessa classificação para refletir as verdadeiras relações sintáticas e semânticas entre os elementos da sentença, tornando possível obter um ponto de partida para a discussão do uso de passivas sintéticas. Compreender como a gramática trata os termos da oração é essencial para enfrentar problemas como a concordância entre verbo e sujeito ou a falta dela nas estruturas passivas, nas quais o verbo, peculiarmente, concorda com o argumento interno.

1.3 As classificações de “se”

Para uma maior compreensão sobre a partícula “se” apassivadora, acreditamos ser importante revisar, pela gramática tradicional, as suas possibilidades de classificação. Conforme a “nova gramática do português contemporâneo”, de Cunha e Cintra, o pronome “se” possui sete classificações, definidas a partir de suas funções morfossintáticas, que serão apresentadas a seguir.³

(5)

Objeto direto

a) Cortou-se com a faca do bolo.

Objeto Indireto

b) Perguntava-se se aquilo era verdade.

Sujeito de um infinitivo

c) Deixou-se levar pelos vícios.

³ A função “conjunção condicional” de “se” não fará parte desse estudo, já que não se relaciona com o objeto de pesquisa.

Palavra Expletiva

d) Vão-**se** embora.

Parte integrante de alguns verbos que exprimem sentimentos ou mudança de estado

e) Arrependeu-**se** de ir.

E, finalmente, as funções que nos interessam para esta discussão.

(6)

Pronome apassivador

Ex.: a) Vende-**se** casa

b) Alugam-**se** apartamentos.

Símbolo de Indeterminação do Sujeito

Ex.: c) Vive-**se** bem aqui.

d) Precisa-**se** de secretárias.

Destacam-se, nesses dois últimos casos, algumas características que dão valor à classificação. Em a) e b), os verbos são transitivos diretos com os sujeitos passivos “casa”, e “apartamentos”, enquanto em c) e d), os verbos são intransitivo (viver) e transitivo indireto (precisar), sendo seu sujeito indeterminado pelo “se” e o complemento em d) secretárias.

Ao analisar essas situações, é possível notar a complexidade do tema especialmente quando analisamos sua função como índice de indeterminação do sujeito ou como partícula apassivadora. Nesse contexto, em seu trabalho sobre o assunto, Santos Silva (2021) traz de forma bastante clara algumas discussões relevantes de linguistas sobre o assunto.

Chomsky (1985) e Galves (1996) fornecem a base teórica para a análise dessas construções. Eles discutem a sintaxe e a semântica envolvidas no uso do "se", considerando a capacidade do português de permitir sujeitos pronominais nulos e a flexibilidade na interpretação do "se" como apassivador ou indeterminador. Said Ali (1966) e outros teóricos como Naro (1976) e Cinque (1988) discutem a evolução histórica do "se". Inicialmente, o "se" tinha uma função reflexiva, mas ao longo dos séculos, desenvolveu-se para indicar passividade e, eventualmente, indeterminação do sujeito no português brasileiro (Santos Silva, 2021).

1.4 “Se” Indeterminador x “Se” Apassivador

Com o intuito de incorporar a reflexão acerca da função do pronome “se” em orações na voz passiva sintética, será apresentada a seguir a discussão de autores que colocam à prova a tradição de classificar “se” como pronome apassivador quando há um verbo transitivo direto compondo a oração.

Em seu estudo sobre o clítico no português brasileiro, Santos Silva (2021) investiga o uso do pronome “se” como indeterminador do sujeito, contrariando a gramática normativa, que em sentenças, como “Vende-se casa”, o classificaria como apassivador. O autor argumenta que falantes do português brasileiro, ao produzirem sentenças como “Vende-se casas”, ou seja, sem concordância, estão atribuindo a realização da ação a um sujeito, “alguém”, que está indeterminado pelo “se”. Para elucidar a discussão, o autor, ainda apoia-se em Raposo (1992) com a análise das seguintes sentenças:

(7) Nesta penitenciária, os presos agriem-se frequentemente.

(8) Nesta penitenciária, agriem-se os presos frequentemente.

Apesar de apresentarem os mesmos termos, a simples inversão dos sintagmas verbal e nominal faz com que em (7) se tenha a função de objeto direto (os próprios presos), enquanto em (8) é quase impossível não atribuir a ação do verbo a “alguém” não explicitado. Dessa forma, pode-se inferir que, se em (7) o “se” retoma o sujeito “os presos” (Sujeito=Objeto direto=os presos), então, em (8), o clítico também poderia estar retomando um sujeito supracitado, enquanto, “os presos” ocupa o lugar de objeto direto da oração. Assim, o pronome “se”, sem dúvida, se classificaria como indeterminador.⁴

Em seu artigo sobre a polêmica envolvendo Othoniel Motta e Said Ali, Nascimento e Xavier (2021) apresentam as oito réplicas de Motta, que respondem às teses de Ali sobre a função do pronome “se”. Nessas réplicas, em específico na segunda, Motta afirma que o plural “Comem-se” não é necessário para concordar com “pães” em “Comem-se pães”, uma vez que o verbo não pode concordar com o objeto. Portanto, segundo Motta, se entendermos “Comem-se pães” como uma passiva, a frase já faz sentido: “Pães são comidos”. Não há necessidade de introduzir uma nova regra gramatical para explicar a concordância. Othoniel Motta, então, argumenta que a interpretação passiva é mais lógica e coerente do que a hipótese de Said Ali sobre a concordância entre verbo e objeto. Ele reforça sua posição utilizando exemplos literários e apoio de outros estudiosos, demonstrando que o “se” deve ser

⁴ Entende-se, também, que a variação na interpretação se dá pela alteração do papel temático. Em (7), o termo com função de sujeito coincide com o papel temático de agente, facilitando a interpretação. Enquanto em (8), o papel temático atribuído ao sujeito é de paciente.

tratado como um reflexivo que forma passivas, e não como um pronome sujeito que requer concordância com o objeto.

Levando em consideração esses estudos, é possível entender como o fenômeno de transformação da função do pronome “se” na voz passiva sintética ocorre. O principal ponto aqui é como a questão semântica das orações interfere na interpretação sintática das sentenças passivas sintéticas. Sedrins (2021) aponta alguns autores que exemplificam essas manifestações linguísticas, Said Ali (1957) argumenta que, em frases como "compra-se o palácio" e "morre-se de fome", o pronome "se" sugere a presença de um agente indeterminado. Por exemplo, em "aluga-se esta casa", a interpretação é que alguém colocou a casa para alugar, indicando que a casa está disponível. Já na frase "esta casa é alugada", a ideia é de que a casa está ocupada por moradores que pagam aluguel (Sedrins, 2021).

Nesse sentido, a discussão sobre o uso do "se" em português revela a complexidade das construções passivas sintéticas. As análises de Said Ali e outros estudiosos destacam as nuances semânticas e os padrões de concordância dessas construções, mostrando como a linguagem se transforma e se adapta a diferentes contextos e usos. Sendo assim, cabe entender que o fator semântico humano de “alguém” que realiza a ação verbal acaba por excluir a classificação de apassivador, e apenas a classificação de indeterminador tem espaço nessa análise sintática.

2 Metodologia

Neste trabalho, em que predominou uma pesquisa descritiva, abordou-se, a partir de dados quantitativos, a ocorrência do fenômeno sintático das orações passivas sintéticas em contraste com o fenômeno de indeterminação do sujeito em artigos científicos submetidos como trabalhos de conclusão de curso da Graduação em Letras Português e Espanhol - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *Campus* Chapecó nos últimos dez anos.

A fonte de dados, proveniente do repositório digital da UFFS, é composta de documentos públicos que contabilizam 135 artigos científicos entre os anos de 2014 e 2023, dos quais 20 foram selecionados para análise. O critério de escolha foi a data de aprovação do trabalho, sendo os dois primeiros defendidos em cada ano. A escolha de um gênero acadêmico para compor o corpus baseia-se na exigência de uma escrita mais formal dentro do gênero artigo acadêmico; a demanda por uma linguagem mais formal acarreta a busca por

estruturas mais complexas da língua para conferir ao texto um caráter mais culto e adequado à esfera universitária.

Para direcionar a escrita acadêmica para uma maior formalidade e impessoalidade, os manuais recomendam o uso de primeira pessoa do plural ou, principalmente, o uso de terceira pessoa do singular, algo que muitas vezes, levará em conta o uso do verbo na terceira pessoa do singular + o pronome “se” como índice de indeterminação do sujeito. Em outras palavras, o uso do “se” indeterminador do sujeito demonstraria um domínio da modalidade formal escrita. No entanto, ao ser utilizado com verbos transitivos, muitas vezes, o contexto diz respeito a um “se” apassivador que requer uma concordância do sintagma nominal posterior a ele, algo que nem sempre é identificado pelo falante.

Assim, para dar início à pesquisa, os arquivos em formato portátil (PDF) foram baixados e, a partir da ferramenta de busca do navegador, buscaram-se as partículas “se” por meio dos caracteres “-se” a fim de se limitar apenas aos pronomes “se” ligados a um verbo por hífen. Posteriormente, analisava-se o contexto para delimitar onde se iniciava e terminava a frase que apresentava o elemento estudado, a frase então era copiada para uma tabela em arquivo Excel que continha todos os exemplos encontrados separados por autores. Depois de montada, a tabela passou por uma filtragem em que se classificava a função sintática do pronome “se”, se não pertencesse à classificação de indeterminado ou apassivador, o exemplo era descartado, entretanto se fosse classificado com as funções estudadas, era mantido na tabela.

Tabela 1 - Recorte da tabela Excel contendo todos os exemplos coletados

Exemplo	Transitividade do verbo	Classificação de “se”
Este estado positivo influencia na postura corpórea, de modo que <i>o indivíduo mantém-se</i> mais ereto.	Transitivo direto	Objeto direto
Assim, observa-se <i>uma diferença</i> quanto ao conjunto de domínios-fonte disponíveis para a conceptualização do domínio-alvo VIDA no Hmong, em relação ao inglês e ao húngaro	Transitivo direto	Partícula apassivadora
(“ Leva-se muito tempo para construir uma relação”)	Intransitivo	Indeterminador do sujeito
Neste artigo optou-se pela expressão composta “jogo / esporte” pelo fato de os significados de jogo e esporte estarem imbricados, podendo	Transitivo indireto	Indeterminador do sujeito

apresentar, a depender do caso, muitos traços comuns, como: prática de exercícios físicos, divertimento, passatempo e existência de regras que devem ser seguidas.		
--	--	--

Fonte: elaborado pela autora (2024)

No caso da oração apresentar um verbo transitivo direto e consequentemente o “se” ser constatado como um pronome apassivador, sendo a oração classificada passiva sintética, o exemplo era, então, copiado para outra tabela e era analisado para se identificar o sujeito, verificando a concordância verbo-sujeito.

Tabela 2 - Recorte da tabela Excel com exemplos de “se” apassivador

Exemplo	Concordância	Flexão do verbo
Observa-se a <i>figura</i> , leem-se os elementos verbais, mudamos de quadrinho”, adentramos aos elementos microestruturais, que, conforme Silva e da Silva (2009), referem-se à coesão do texto.	Sim	Singular
Observa-se a <i>figura</i> , leem-se os <i>elementos</i> verbais, mudamos de quadrinho”, adentramos aos elementos microestruturais, que, conforme Silva e da Silva (2009), referem-se à coesão do texto.	Sim	Plural
Ainda percebemos que, no texto, o autor faz uma crítica à inflação, que nos últimos tempos só vem aumentando e sente-se cada vez mais <i>as consequências</i> desse aumento no dia a dia; também faz crítica à corrupção política, outro problema bastante recorrente no país	Não	Plural

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Em suma, o processo de obtenção de dados continha três etapas principais: a busca, a coleta e a classificação, sendo a classificação subdividida em dois outros processos, um inicial que considerava todas as ocorrências para classificação e um secundário apenas com as ocorrências de “se” apassivador para verificar a concordância.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, priorizam-se as ocorrências que eram formadas por sujeitos no plural ou compostos, pois é nelas que a intercambio entre o “se” passivo e o “se” indeterminador fica mais evidente. No singular, não é possível determinar se o informante usou o “se” apassivador ou o “se” indeterminador do sujeito. No entanto, no plural, é possível investigar se havia a intenção de usar o “se” como indeterminador do sujeito

apenas observando se houve a preocupação em realizar a concordância verbo-sujeito. Quando utilizado sem concordância no plural, a estrutura das passivas sintéticas pode demonstrar uma tentativa do autor em empregar um “se” indeterminador no lugar de um “se” apassivador, dessa forma, indicando a necessidade do usuário da língua em atribuir um agente humano ou animado a ação do verbo.

3 Resultados

Na busca pelos pronomes “se” com funções de indeterminador e apassivador nos artigos de conclusão de curso do curso de graduação de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul, foram encontrados 596 exemplos utilizando a partícula “se”. Dessas, a maioria representavam funções fora do escopo da pesquisa e 90 eram ocorrências da estrutura passiva sintética. Dos 90 exemplos encontrados, 24 orações possuem um sujeito no plural ou composto, exigindo, portanto, que os verbos estejam igualmente flexionados no plural, assim como postula a gramática prescritiva do português brasileiro, “a solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na concordância, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito” (Cunha e Cintra, 2017, p. 510).

Tabela 3 - Dados totais obtidos⁵

Dado	Quantidade	Porcentagem
“se” indeterminador do sujeito	42	7%
“se” apassivador	90	15%
“se” desconsiderados ⁶	464	78%
“se” totais	596	100%

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Foi possível observar, entretanto, que, em alguns casos, essa normativa gramatical não foi respeitada, acarretando o uso de verbos no singular com sujeitos que exigiam

⁵ Salienta-se que estruturas da passiva sintética que se utilizavam do período composto não foram consideradas para essa pesquisa, uma vez que sua configuração sempre no singular não tem valor para esse estudo. Ex.: Destaca-se que os humanos sempre formam atitudes no que tange a pessoas, coisas, eventos, instituições e ideias [...].

⁶ Assim como apresentado anteriormente, a partícula “se” possui diversas classificações, resultando em uma quantidade expressiva de ocorrências de “se” que foram desconsideradas.

concordância no plural. As 24 ocorrências de passivas no plural estavam distribuídas em 12 artigos, desses 12, seis possuíam construções sem concordância no plural, totalizando 14 ocorrências de orações passivas sintéticas com concordância no plural e 10 sem concordância no plural.

Tabela 4 - Dados de “se” apassivadores

Dado	Quantidade	Porcentagem
“se” apassivadores em orações com sujeito no plural com concordância	14	58,3%
“se” apassivadores em orações com sujeito no plural sem concordância	10	41,7%
“se” apassivadores em orações com sujeito no plural	24	100%

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Em seguida, estão os quadros com os exemplos que apresentam todas as ocorrências de orações passivas sintéticas com sujeitos que exigem flexão do verbo no plural.

Quadro 1 - Ocorrências de “se” apassivador com sujeito no plural ou composto com concordância verbo sujeito

Nº	Exemplo
1	Observem-se <i>os exemplos</i> : [...] (T.V.H.P., 2015)
2	[...] por exemplo, sobressaem-se em sua composição <i>os elementos</i> : destinatário, saudação inicial, mensagem, saudação final e assinatura. (T.V.H.P., 2015)
3	Observa-se a figura, leem-se <i>os elementos verbais</i> , mudamos de quadrinho”, adentramos aos elementos microestruturais, que, conforme Silva e da Silva (2009), referem-se à coesão do texto. (T.V.H.P., 2015)
4	Dentro dessas duas classificações, encontram-se <i>outras</i> , como é o caso da dicotomia que Muecke (1995) traz ao afirmar que existem duas grandes categorias dentro da ironia: a ironia situacional/observável e a ironia verbal/instrumental. (E.E.D., 2017)
5	Uma das teses assumida pelos historiadores é a de que os conflitos começaram no momento em que não se permitiu a entrada da classe privilegiada no Paraguai e eliminaram-se representantes do poder econômico paraguaio, excluindo a burguesia dos lucros de exportação do país. (S.M.F.L., 2017)
6	[...] nesses casos, empregam-se de maneira racional <i>os acontecimentos</i> . (S.M.F.L., 2017)
7	Para discutir autoria partimos principalmente de Foucault e, por fim, apresentam-se <i>os dois</i>

	<i>percursos elegidos</i> para compreender a autoria. (M.C.P., 2020)
8	Para compreender essa autoria, seguiram-se dois caminhos , partindo inicialmente do hibridismo de gênero. (M.C.P., 2020)
9	Para isso, utilizam-se os fundamentos da teoria funcionalista dos Estudos da Tradução de Nord (2016 [1991]), [...] (A.W., 2021)
10	Por isso, para “além das quatro linhas”, linguagem comum entre jornalistas esportivos, destacam-se essas formações discursivas com base na influência da mercantilização do futebol, [...] (G.H.S.V.A., 2021)
11	Na GIII ainda observam-se resquícios da variedade alemã , no entanto esta já foi substituída pela variedade do português, assim como na GIV, onde a variedade alemã já foi completamente substituída pelo português. (A.B., 2022)
12	Para tanto, mobilizam-se os conceitos de Condições de Produção e Paráfrase , os quais permitem ler o texto legal não pela hermenêutica, mas por uma teoria para a qual a língua apresenta opacidade. (M.S., 2022)
13	Isso pode ser visto em diversos dispositivos, com destaque à Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 19986 , da qual selecionaram-se algumas alíneas e incisos apresentados a seguir: [...]. (M.S., 2022)
14	Segundo o documento, para responder às novas demandas sociais e aos princípios expostos, destacam-se cinco pontos : [...] (L.T.N., 2022)

Fonte: elaborado pela autora (2024).

No quadro 1, pode-se verificar que, em relação ao total de ocorrências de passivas sintéticas com sujeito no plural, a maioria das construções obtiveram sucesso na concordância, porém essas amostras representam um pouco mais da metade do uso dessa estrutura flexionada no plural (58,3%) , os outros 41,7% encontram-se na quadro 2, no qual estão descritos os exemplos de orações passivas sintéticas sem concordância verbo-sujeito.

Quadro 2 - Ocorrências de “se” apassivador com sujeito no plural ou composto sem concordância verbo-sujeito

Nº	Exemplo
1	No início do conto apresenta-se os personagens principais , o Negro Bonifácio e a Tudinha. (G.A.P.O., 2014)
2	Ainda percebemos que, no texto, o autor faz uma crítica à inflação, que nos últimos tempos só vem aumentando e sente-se cada vez mais <i>as consequências</i> desse aumento no dia a dia; também faz crítica à corrupção política, outro problema bastante recorrente no país. (T.V.H.P, 2015)
3	Na parte superior encontra-se duas gerações , porém na primeira parte o informante da geração CbGIV é uma pessoa idosa e possui classe sociocultural baixa. (J.M.S., 2018)
4	Na parte inferior encontra-se a terceira e a quarta geração CaGII e CaGI , sendo que estas são das gerações mais jovens. (J.M.S., 2018)

5	Considera-se <i>esses termos</i> integrado na fala dialetal somente nos informante da primeira geração CbGIV e da segunda geração CaGIII. (J.M.S., 2018)
6	Assim, parte das variedades aqui faladas – excetua-se <i>o yeísmo e o rotacismo</i> , que ocorrem também nas demais regiões do Brasil - são interferências de variedades italianas, alemãs e polonesas em contato com variedades do português brasileiro e não, exclusivamente, com questões relacionadas aos níveis de escolaridade e moradia no campo, conforme respostas coletadas nas entrevistas. (L.V.B., 2018)
7	Quando se apresenta o conceito sobre a função maior do jornalismo que é a de informar e formar opiniões, geralmente atribui-se <i>os princípios</i> à imprensa de neutralidade e objetividade. (A.W., 2021)
8	Considerando essa afirmação, na sequência em análise tem-se <i>duas línguas estrangeiras referidas na SDR1 [...]</i> . (M.S., 2022)
9	A seguir, discute-se <i>as relações anafóricas e catafóricas presentes na SDR1</i> . (M.S., 2022)
10	Na primeira coluna do Quadro 1 – Possibilidades parafrásticas das designações adjetivadas, expõe-se <i>algumas possibilidades de adjetivação do termo língua</i> ; enquanto na segunda coluna, são colocadas adjetivações para a designação Idioma, escolhida por ser uma possibilidade do não-dito na Lei em relação às línguas designadas no gênero masculino. (M.S., 2022)

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A seguir, será realizado o detalhamento da análise, destacando como cada texto apresentou a partícula “se” quando utilizada com um sujeito não singular e em que momentos houve a preocupação em realizar a concordância. A análise está dividida em três categorias: 1) artigos que apresentaram uso da passiva sintética com concordância no plural de verbo-sujeito todas as vezes; 2) artigos que apresentaram uso da passiva sintética ora com concordância no plural de verbo-sujeito, ora sem concordância no plural de verbo-sujeito e 3) artigos que apresentaram uso da passiva sintética sem concordância no plural de verbo-sujeito todas as vezes.

3.1 Artigos que apresentaram uso da passiva sintética com concordância no plural de verbo-sujeito todas as vezes

Nessa categoria, encontram-se seis artigos com autores que obtiveram sucesso ao produzir orações passivas sintéticas seguindo a norma padrão da língua portuguesa. Esses seis autores produziram juntos oito exemplos de passivas sintéticas com sujeitos no plural. Os exemplos estão descritos a seguir:

(9)

- a) Dentro dessas duas classificações, **encontram-se** *outras*, como é o caso da dicotomia que Muecke (1995) traz ao afirmar que existem duas grandes categorias dentro da ironia: a ironia situacional/observável e a ironia verbal/instrumental.
- b) Uma das teses assumida pelos historiadores é a de que os conflitos começaram no momento em que não se permitiu a entrada da classe privilegiada no Paraguai e **eliminaram-se** *representantes* do poder econômico paraguaio, excluindo a burguesia dos lucros de exportação do país.
- c) [...] nesses casos, **empregam-se** de maneira racional *os acontecimentos*.
- d) Para discutir autoria partimos principalmente de Foucault e, por fim, **apresentam-se** *os dois percursos elegidos* para compreender a autoria.
- e) Para compreender essa autoria, **seguiram-se** *dois caminhos*, partindo inicialmente do hibridismo de gênero.
- f) Por isso, para “além das quatro linhas”, linguagem comum entre jornalistas esportivos, **destacam-se** *essas formações discursivas* com base na influência da mercantilização do futebol [...].
- g) Na GIII ainda **observam-se** *resquícios da variedade alemã*, no entanto esta já foi substituída pela variedade do português, assim como na GIV, onde a variedade alemã já foi completamente substituída pelo português.
- h) Segundo o documento, para responder às novas demandas sociais e aos princípios expostos, **destacam-se** *cinco pontos*: [...].

É possível perceber que, em todos os exemplos de passivas sintéticas, o padrão estrutural é seguido (verbo+se+sujeito), exceto pelo exemplo c), em que o verbo acompanhado de “se” está separado de seu sujeito por um adjunto adverbial de modo, entretanto esse fator não foi empecilho para o autor reconhecer o sujeito e realizar a concordância. Esse, assim como os outros autores dessa categoria demonstram o domínio dessa estrutura considerada complexa, não apresentando nenhum desvio gramatical no que diz respeito às passivas sintéticas.

3.2 Artigos que apresentaram uso da passiva sintética ora com concordância no plural de verbo-sujeito, ora sem concordância no plural de verbo-sujeito

Nessa seção, serão apresentadas as ocorrências de passivas sintéticas dos três artigos que apresentaram inconsistências quanto à concordância no uso dessas estruturas. Em primeiro lugar, encontram-se os quatro exemplos do primeiro autor dessa categoria:

(10)

- a) **Observem-se** *os exemplos*: [...]
- b) [...] por exemplo, **sobressaem-se** em sua composição *os elementos*: destinatário, saudação inicial, mensagem, saudação final e assinatura
- c) Observa-se a figura, **leem-se** *os elementos verbais*, mudamos de quadrinho”, adentramos aos elementos microestruturais, que, conforme Silva e da Silva (2009), referem-se à coesão do texto.
- d) Ainda percebemos que, no texto, o autor faz uma crítica à inflação, que nos últimos tempos só vem aumentando e **sente-se** cada vez mais *as consequências* desse aumento no dia a dia; também faz crítica à corrupção política, outro problema bastante recorrente no país.

Nesses exemplos, teoriza-se que, provavelmente, a falta de concordância em d) acontece em decorrência de haver a separação do verbo e do sujeito por um adjunto adverbial, e, ao contrário do que acontece na categoria anterior, esse fator pode ter sido um obstáculo para a ocorrência da concordância, uma vez que o mesmo autor conseguiu com sucesso produzir os outros dois exemplos com a concordância verbo-sujeito exigida. Conclui-se, então, que esse autor tem conhecimento sobre a estrutura, apresentando apenas um desvio quando confrontado com uma construção que não seguia o padrão estrutural verbo + se + sujeito.

O próximo autor dessa categoria apresentou duas ocorrências da estrutura, sendo uma contemplando a concordância e outra não:

(11)

- a) Para isso, **utilizam-se** *os fundamentos da teoria funcionalista dos Estudos da Tradução de Nord* (2016 [1991]) [...].

- b) Quando se apresenta o conceito sobre a função maior do jornalismo que é a de informar e formar opiniões, geralmente **atribui-se os princípios** à imprensa de neutralidade e objetividade.

Para esses exemplos, não é possível saber de forma clara o motivo dessa inconsistência na concordância, já que ambas seguem o mesmo padrão de estrutura, sendo apenas possível especular sobre a falta do reconhecimento do ‘se’ apassivador como motivo dessa discrepância entre prescrição e uso.

O terceiro e último autor dessa categoria apresentou as seguintes manifestações do fenômeno sintático estudado:

(12)

- a) Para tanto, **mobilizam-se os conceitos de Condições de Produção e Paráfrase**, os quais permitem ler o texto legal não pela hermenêutica, mas por uma teoria para a qual a língua apresenta opacidade.
- b) Isso pode ser visto em diversos dispositivos, com destaque à Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1986, da qual **selecionaram-se algumas alíneas e incisos** apresentados a seguir: [...].
- c) Considerando essa afirmação, na sequência em análise **tem-se duas línguas** estrangeiras referidas na SDR1, cujas designações são: [...].
- d) A seguir, **discute-se as relações anafóricas e catafóricas** presentes na SDR1.
- e) Na primeira coluna do Quadro 1 – Possibilidades parafrásticas das designações adjetivadas, **expõe-se algumas possibilidades** de adjetivação do termo língua; enquanto na segunda coluna, são colocadas adjetivações para a designação Idioma, escolhida por ser uma possibilidade do não-dito na Lei em relação às línguas designadas no gênero masculino.

Acerca desses exemplos, mais especificamente em c), pode-se pensar que o verbo “ter” expressa sentido de existência, podendo ser substituído pelo verbo “haver” que não possui flexão no plural, levando o autor a usar essa mesma lógica para a concordância e, conseqüentemente, não respeitando a estrutura da passiva sintética. Contudo, essa hipótese não justifica a falta de concordância em d) e e), que pode ser descrita como a falta do reconhecimento do “se” apassivador e conseqüentemente da estrutura da passiva sintética.

É importante assinalar que não se ignora também a possibilidade da falta de concordância em c) decorrer da complexidade que envolve a flexão do verbo “ter” no plural, visto que compreende uma questão de acentuação ortográfica. Sendo assim, não é possível, exclusivamente com esse exemplo, constatar a passagem de função entre “se” apassivador e “se” indeterminador.

3.3 Artigos que apresentaram uso da passiva sintética sem concordância no plural de verbo-sujeito todas as vezes

Nessa categoria, serão apresentados os exemplos dos três artigos que não corresponderam ao uso das passivas sintéticas descrito pela gramática prescritiva. Esses exemplos totalizam cinco ocorrências que são apresentadas a seguir:

(13)

- a) O início do conto **apresenta-se** *os personagens principais*, o Negro Bonifácio e a Tudinha.
- b) Na parte superior **encontra-se** *duas gerações*, porém na primeira parte o informante da geração CbGIV é uma pessoa idosa e possui classe sociocultural baixa.
- c) A parte inferior **encontra-se** *a terceira e a quarta geração CaGII e CaGI*, sendo que estas são das gerações mais jovens.
- d) **Considera-se** *esses termos* integrado na fala dialetal somente nos informante da primeira geração CbGIV e da segunda geração CaGIII.
- e) Assim, parte das variedades aqui faladas – **exce tua-se** *o yeísmo e o rotacismo*, que ocorrem também nas demais regiões do Brasil - são interferências de variedades italianas, alemãs e polonesas em contato com variedades do português brasileiro e não, exclusivamente, com questões relacionadas aos níveis de escolaridade e moradia no campo, conforme respostas coletadas nas entrevistas.

Aqui, observa-se, em dois dos cinco exemplos, que o sujeito não aparece flexionado no plural, mas sim na forma de sujeito composto com dois elementos no singular, então seria possível dizer que o fato de que o elemento mais próximo do verbo estar no singular acarretaria o usuário a desviar-se da norma padrão e que, possivelmente, essa situação seria apenas uma confusão gerada pelo uso de um sujeito composto. Entretanto, para fazer a análise desses exemplos, torna-se importante destacar que as orações em b), c) e d) foram produzidas

pelo mesmo autor, dessa forma apenas o fato do sujeito ser caracterizado como composto não é suficiente para justificar o uso da estrutura fora do padrão gramatical estabelecido, uma vez que em b) e d) o sujeito está no plural, porém, da mesma forma, não apresenta a concordância.

É nessa categoria de artigos que fica mais evidente o que se busca em nossa hipótese. Nesses exemplos, em que houve a inadequação de concordância verbo-sujeito, independente de haver ou não outros fatores que influenciem a interpretação do “se” apassivador, estão as evidências que mais corroboram com a hipótese do apagamento da função de “se” apassivador, dando espaço para a classificação do pronome “se” como indeterminador do sujeito tanto com verbos intransitivos e transitivos indiretos como com verbos transitivos diretos.

4 Discussão

Ao tentarem direcionar sua escrita para uma maior formalidade, os estudantes responsáveis pelos artigos presentes no *corpus* desta pesquisa se utilizaram da terceira pessoa do singular em diversas ocasiões, algo que levou em conta o uso do verbo na terceira pessoa do singular + o pronome “se” como índice de indeterminação do sujeito. No entanto, ao ser utilizado com verbos transitivos, muitas vezes, o contexto diz respeito a um “se” apassivador que requer uma concordância do sintagma nominal posterior a ele. Algo que nem sempre foi identificado pelos autores.

Levando em consideração os resultados dessa pesquisa, os três grupos analisados destacam não apenas variações individuais, mas também uma possível tendência de apagamento da função apassivadora do “se”. Isso se justifica pelo que afirma Santos Silva (2021), quando aborda sobre a questão do “se, no Português do Brasil, representar sempre um recurso de indeterminação do sujeito, não importando a classificação verbal atribuída pela norma culta” (Santos Silva, 2021, p. 1686). Esse fenômeno, em orações passivas, estaria ocorrendo em decorrência da atribuição da ação do verbo a um agente implícito (alguém), assim como acontece em orações com o “se” indeterminador.

Essa atribuição implica dizer que, ao se deparar com uma passiva sintética como o exemplo (12)d de nossa pesquisa: “**discute-se as relações anafóricas e catafóricas**” é muito provável que ela foi/será interpretada como “Alguém discute as relações anafóricas e catafóricas” (voz ativa), em vez de “As relações anafóricas e catafóricas são discutidas por

alguém” (voz passiva analítica). Logo, esse fenômeno evidencia a prevalência de construções baseadas na ordem Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), que é mais intuitiva e comum no português brasileiro contemporâneo. Consonante a isso, Brito (2007) argumenta que a chamada "voz passiva sintética" é, na prática, uma voz ativa em que o agente é omitido, com o "se" funcionando como sujeito indeterminado, levando o verbo ao singular. Assim, a tendência de interpretar passivas sintéticas como orações ativas reforça a ideia de que o uso do "se" em estruturas passivas está, de fato, se distanciando de sua função tradicional de marcar a passividade de uma ação, caminhando para um uso predominantemente indeterminador, em que o sujeito da ação permanece implícito e indefinido.

Outro ponto importante é o que aponta Avelar (2017), que inspira-se na crônica de Martha Medeiros “Vende frango-se” para tecer uma reflexão sobre o “se” apassivador. Tendo como ponto de partida a pergunta: “Como explicar que um falante nativo produza uma estrutura agramatical em qualquer variedade do português?” (Avelar, 2017, p. 119), o autor afirma que uma das explicações para esse fenômeno seria a ausência de uma intuição, na gramática internalizada do falante, para interpretar um “se” apassivador. O autor argumenta que a gramática normativa, ao insistir na função do "se" como partícula apassivadora, ignora a gramática internalizada dos falantes brasileiros, que tendem a interpretar essa construção como de sujeito indeterminado, sendo assim “afirmar que o "se" pode ser um apassivador no português brasileiro contemporâneo é tão cientificamente insustentável quanto afirmar que o sol gira em torno da Terra” (Avelar, 2017, p. 120).

Ao utilizar a construção "Vende frango-se", o comerciante descrito na crônica parece ter aplicado uma fórmula comum em anúncios comerciais, sem considerar as variantes gramaticais envolvidas, demonstrando a artificialidade do uso da estrutura das passivas sintéticas (Avelar, 2017). Diferentemente dos informantes da nossa pesquisa, o indivíduo da crônica de Martha Medeiros provavelmente não é escolarizado, indicando que a função apassivadora do "se" está em declínio no português brasileiro contemporâneo, especialmente na linguagem informal mas que, de acordo com os resultados dessa pesquisa, esse declínio está gradualmente alcançando também os registros formais da língua. Dessa forma, a pressão normativa pela concordância com o objeto direto nas construções com "se" é contestada, pois não reflete o uso natural e internalizado dos falantes nativos (Brito, 2007; Avelar, 2017), que já preferem a construção no singular, mesmo em contextos formais.

Considerações finais

Essa investigação explorou a possibilidade do uso do “se” indeterminador prevalecer sobre o uso do “se” apassivador e em que contextos específicos isso ocorre, se de forma equivocada ou se de acordo com as normas da gramática tradicional. Além disso, avaliou-se como essa variação é percebida e tratada pelos acadêmicos, e se houve uma tendência a seguir a norma culta ou a adaptar-se às formas mais contemporâneas e informais da língua.

As ocorrências de passivas sintéticas foram categorizadas em três grupos com base na consistência de aplicação da concordância: artigos que apresentaram a concordância plural sempre: seis (6) autores conseguiram manter a concordância verbo-sujeito em todas as suas construções com passivas sintéticas, demonstrando domínio da norma gramatical. Artigos inconsistentes na concordância plural: três (3) autores apresentaram variações na concordância, ora acertando, ora errando. Artigos sem concordância no plural em todas as vezes: três (3) autores não aplicaram a concordância em nenhuma das ocorrências, indicando um padrão de interpretação do “se” mais próximo da indeterminação do sujeito.

A análise da partícula “se” como indeterminador e apassivador em artigos científicos de formandos do curso de Letras revela uma complexidade inerente ao uso das passivas sintéticas no português brasileiro. Embora a norma gramatical exija concordância entre verbo e sujeito em construções em que o sujeito se apresenta no plural, a pesquisa encontrou uma quantidade significativa de exemplos (41,7%) em que essa regra não foi observada. A porcentagem encontrada, apesar de não representar maioria, pode ser considerada expressiva, uma vez que diz respeito a ocorrências dentro de textos produzidos e revisados por profissionais da área da língua portuguesa.

Esses dados levantam questões sobre o impacto do uso da partícula “se” e do reconhecimento gramatical de sua função, sugerindo um possível distanciamento entre a prescrição normativa e o uso real na escrita acadêmica. Tal afastamento entre prescrição e uso sinaliza o reflexo do processo de escolarização que está por trás das construções das passivas sintéticas, uma vez que o fenômeno é quase estritamente encontrado na modalidade escrita da língua.

Além disso, essa mudança na interpretação das passivas sintéticas também revela a dinâmica entre a gramática interna do falante e as normas da língua, com destaque para a resistência a regras gramaticais que não correspondem diretamente à experiência linguística cotidiana. De acordo com Avelar (2017), a dificuldade dos falantes em identificar a função apassivadora do “se” pode ser explicada pela ausência de uma intuição gramatical que perceba

essas formas como passivas, uma vez que o uso do "se" indeterminador já se consolidou como um padrão linguístico no português brasileiro, inclusive em contextos mais formais.

A partir da análise apresentada acerca do uso do “se”, é possível observar que a noção de passividade no português brasileiro está passando por um processo de reconfiguração. É importante destacar que a gramática prescritiva, por mais que seja um reflexo de uma tradição acadêmica que visa regulamentar a língua, muitas vezes se desconecta da realidade linguística dos falantes, que ao utilizarem a língua de maneira espontânea, acabam por empregar formas que fogem aos padrões estabelecidos. No caso do "se", sua utilização como índice de indeterminação do sujeito parece ter se tornado mais naturalizada, ao ponto de muitos falantes não conseguirem perceber sua função apassivadora.

Referências

- ALI, S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: melhoramento, 1996.
- AVELAR, J. O. *Saberes gramaticais: formas, normas e sentidos no espaço escolar*. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2017. 128 p.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BARRETO, F. V. V. *A concordância verbal de 3ª pessoa do plural no português europeu*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- BRITO, S.S. *SE passivo? Pela derrubada da concordância com a qual ninguém concorda*. Orientador: Prof. Dr. Marcos Bagno. 142 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- CHOMSKY, N. *The logical structure of linguistic theory*. Chicago, III: The University of Chicago press, 1985.
- CUNHA, C; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed., Rio de Janeiro: Lexikon, 2017. 800 p., recurso digital.
- DUARTE, M. E. Termos da oração. In: VIEIRA, S. R; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 185-203.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. A complexidade da passiva e as implicações pedagógicas do seu uso. *Linguagem & Ensino*, v. 3, n. 1, p. 7-116, 2000.

GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro: In: *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo: UNICAMP, 1993.

MOTTA, O. *O Pronome "Se": réplica ao professor Said Ali*. 2 ed. Campinas: Casa de Genou, 1916.

NARO, A. J. & SCHERRE, M. M. P. Sobre as origens do português popular do Brasil. DELTA. São Paulo, *Educ*, 9(nº Especial), 437-454, 1933.

NASCIMENTO, J. V. XAVIER, W. L. V. As funções do pronome "se": entre Othoniel Motta e Said Ali. *Encontros De Vista*, v. 2, n. 2, p. 24-34, 2021.

RAPOSO, E. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.

SANTOS SILVA, A. dos. O clítico se no português brasileiro como índice de indeterminação do sujeito. *Educte: Revista Científica Do Instituto Federal De Alagoas*, Alagoas, v. 12, n. 1, p. 1683-1692, 2021.

SEDRINS, A. P. Sobre a classificação tradicional do sujeito da sentença. *Revista Areia*, [S. l.], v. 4, n. 5, p. 247-265, 2021.

ABSTRACT: This article aimed to documentarily analyze scientific articles to verify the issue of subject-verb agreement in synthetic passive constructions in Brazilian Portuguese. Based on the teaching requirements for passive voice constructions for basic education, as presented in the Common National Curriculum Base (BNCC), and the relationship of usage between active and passive voice presented by Furtado da Cunha (2000), it sought to discuss, drawing on previous studies by Duarte (2009), Santos Silva (2021), Nascimento and Xavier (2021), and Sedrins (2021), the tendency of "se" to lose its function as a passive pronoun, being predominantly used as a subject indeterminer, even in formal contexts. Therefore, this study investigated the hypothesis that the use of the synthetic passive is predominantly a construction learned in formal writing and is not natural in spoken language. To explore this issue, the methodology of this study included classifying and contextualizing occurrences of "se" as a passive particle and as a subject indetermination index in 20 academic texts by educated informants. The results obtained from this methodology recorded 24 occurrences of the synthetic passive requiring plural agreement, of which 10 did not comply with this grammatical rule. The examples of inadequacies in subject-verb agreement suggest evidence of the erasure of the passive function of "se," favoring its classification as a subject indeterminer, both with intransitive and indirectly transitive verbs as well as with directly transitive verbs, thus corroborating our initial hypothesis.

KEYWORDS: Synthetic passives; verb agreement; passive pronoun; subject-indefinite marker; academic writing.